

EM NOTAS DE RODAPÉ

A acolhida regional
do folhetim no Brasil

A organização deste livro deriva da pesquisa de pós-doutorado “O leitor de folhetins do Correio Paulistano no século XIX”, realizada com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP-2012/06457-0), à qual agradecemos sinceramente.

A publicação deste livro contou com apoio do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL/UFSCar) com recursos do Programa de Desenvolvimento da Pós-Graduação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (PDPG/CAPES – 1154/2022/88881.709118/2022-01), aos quais também somos sinceramente gratas.

Débora Cristina Ferreira Garcia
Luzmara Curcino
(organizadoras)

EM NOTAS DE RODAPÉ

A acolhida regional
do folhetim no Brasil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Em notas de rodapé [livro eletrônico] : a acolhida regional do folhetim no Brasil / Débora Cristina Ferreira Garcia, Luzmara Curcino (organizadoras). – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2024. – (*Leitura, História e História da Leitura*)

epub

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-847-0

1. Folhetins - História e crítica 2. Jornalismo e literatura - História I. Garcia, Débora Cristina Ferreira. II. Curcino, Luzmara. III. Série.

24-223890

CDD-809.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Folhetins : História e crítica 809.3

capa: Studio Rotta Design Gráfico
gerência editorial: Vanderlei Rotta Gomide
preparação dos originais: Editora Mercado de Letras
revisão geral: Juliana Ferreira de Melo
revisão final dos autores
bibliotecária – Cibele Maria Dias – CRB-8/9427

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2 0 2 4

FORMATO DIGITAL

BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução ou armazenamen-
to parcial ou total ou transmissão de qualquer
meio eletrônico ou qualquer meio existente
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

SUMÁRIO

- CONTINUA AMANHÃ A FICÇÃO EM SÉRIE. 7
Germana Araújo Sales
- Apresentação
FOLHETINS LÁ E CÁ DO ATLÂNTICO: SUA PRODUÇÃO,
DISTRIBUIÇÃO E RECEPÇÃO NO BRASIL 11
*Luzmara Curcino e
Débora Cristina Ferreira Garcia*
- PARTE I – TRASLADOS, TRADUÇÕES E
ACOMODAÇÕES DOS FOLHETINS EM PORTUGUÊS**
- 1.** DOIS SÉCULOS DE FOLHETIM EM PORTUGAL. 29
Ernesto Rodrigues
- 2.** NO RODAPÉ DOS JORNAIS BRASILEIROS,
O ROMANCE-FOLHETIM FRANCÊS: DE SUA
ACOMODAÇÃO E ACOLHIDA NO BRASIL 57
Lúcia Granja
- 3.** O FOLHETIM TRADUZIDO E O SEU LUGAR
NO SISTEMA LITERÁRIO BRASILEIRO 73
Maria Cristina Batalha

- 4.** FOLHETINS DE DUMAS NO BRASIL: DE SUA
CIRCULAÇÃO EM LIVRO ATÉ OS ANOS 196089
Rosângela Maria Oliveira Guimarães

PARTE II – A ACOLHIDA REGIONAL DO FOLHETIM NO BRASIL

- 5.** ‘O MARIDO DA ADÚLTERA’ DE LÚCIO DE MENDONÇA: O
FOLHETIM SOB A FORMA DE ROMANCE EPISTOLAR PUBLICADO
EM JORNAL DO INTERIOR DE MINAS GERAIS.111
Socorro de Fátima Pacífico Barbosa

- 6.** O FOLHETIM NOS JORNAIS DE MATO GROSSO:
DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX AO FINAL
DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX131
Yasmin Jamil Nadaf

- 7.** O ROMANCE-FOLHETIM E SUA RECEPÇÃO
NO RIO GRANDE DO SUL145
Antonio Hohlfeldt

- 8.** OS ROMANCES-FOLHETINS FRANCESES
NO JORNAL O LIBERAL DO PARÁ (1871-1880)159
*Edimara Ferreira Santos, Germana Maria Araújo Sales e
Simone Cristina Mendonça*

- 9.** AS NARRATIVAS ROMANESCAS SOB A FORMA
DE FOLHETIM NO JORNAL CORREIO PAULISTANO.179
Débora Cristina Ferreira Garcia

SOBRE OS AUTORES199

CONTINUA AMANHÃ: A FICÇÃO EM SÉRIE

Germana Araújo Sales

O jornal apareceu, trazendo em si o gérmen de uma revolução. Essa revolução não é só literária, é também social, é econômica, porque é um movimento da humanidade abalando todas as suas eminências, a reação do espírito humano sobre as fórmulas existentes do mundo literário, do mundo econômico e do mundo social.

(Machado de Assis 1859)

A fórmula das narrativas em capítulos ou episódios que atrai inúmeros telespectadores, seja para as séries em diversas temporadas ou as novelas televisivas, em capítulos, não consiste numa novidade do momento. A ideia da exibição dos romances aos pedaços, ou em partes, foi criada em 1830, quando Émile de Girardin (1802-1881), proprietário do jornal francês *La Presse*, com objetivo de alcançar maior popularidade, diante do público consumidor de jornais, criou o espaço ao pé da página, para a circulação desse material. A ideia foi absorvida em outros países e, durante o século XIX, muitos escritores galgaram prestígio após a publicação das obras no espaço folhetim.

O folhetim, de acordo com a definição no dicionário, refere-se “aos romances ou novelas, impressos na parte inferior da página de um jornal, com publicação regular, em fragmentos ou capítulos”. Na perspectiva do conceito, o folhetim era avaliado com uma obra de menor valor literário,

“destinada a leitores menos exigentes”. Mas o fato é que a *fórmula* alcançou espaço e ocupa a matéria de estudo dos pesquisadores em diferentes instituições de ensino e pesquisa, como ilustra a presente coletânea que chega às mãos dos leitores.

Dividida em duas partes, quais sejam: “Traslados, traduções e acomodações dos folhetins em português” e a “Acolhida regional do folhetim no Brasil”, docentes de diferentes regiões do Brasil exibem resultados das suas pesquisas, em capítulos, numa demonstração empírica da aclimação do romance-folhetim no Brasil plural, entre norte, nordeste, centro e sul, dada a importância do assunto, até os dias atuais.

O folhetim era componente cotidiano entre os leitores e leitoras durante o século XIX e estava presente no cotidiano, como demonstra um trecho do romance *Senhora* (1875), de José de Alencar:

Aurélia cortou o fio a este diálogo, perguntando com indiferença:

– Que trazem de novo os jornais?

– Ainda não os li. Que mais lhe interessa? Naturalmente a parte noticiosa, o folhetim... (Alencar 1875. p. 72)

O cotidiano reproduzido no enredo do romance representa a atividade rotineira do jornal: a publicação de romances folhetins, no rodapé, movimento inicial de muitos escritores, quando no início da carreira, como o próprio José de Alencar, que obteve sucesso estrondoso com a publicação de *O Guarany* (1856), em capítulos. O triunfo da obra foi relatado por Taunay:

Em 1857, talvez 56, publicou o *Guarany* em folhetim no Diário do Rio de Janeiro, e ainda vivamente me recordo do entusiasmo que despertou, verdadeira novidade emocional, [...] entusiasmo particularmente acentuado nos círculos femininos da sociedade fina e no seio da mocidade então muito mais sujeita ao simples influxo da literatura [...] o Rio de Janeiro em peso lia o *Guarany* e seguia comovido e enleado os amores tão puros e discretos de Cecy e Pery e com estremecida simpatia acompanhava, no meio dos perigos e ardis dos bugres selvagens, a sorte varia e periclitante dos principais personagens do cativante romance [...] Quando em São Paulo chegava o correio com muitos dias de intervalo, então, reuniam-se muitos e muitos estudantes numa

república, em que houvesse qualquer feliz assinante do *Diário do Rio*, para ouvirem, absortos e sacudidos, de vez em quando, por elétrico fremito, a leitura feita em voz alta por algum deles, que tivesse órgão mais forte. E o jornal era depois disputado com impaciência e pelas ruas se via agrupamentos em torno dos fumegantes lampiões de iluminação pública de outrora – ainda ouvintes a cercarem ávidos de qualquer improvisado leitor. (Taunay 1923, pp. 85-86)

Os leitores do folhetim eram aqueles “felizes assinantes”, apreciadores dos enredos capazes de cativá-los e deixá-los extasiados, estremecidos, ansiosos para se “cercarem ávidos” de cada leitura.

Não por acaso, neste livro, nove estudiosos se cercam do tema, em tela ainda hoje, quer seja por interesse de pesquisa ou por herança literária que as narrativas em série apresentam até o clímax do enredo. Desde o surgimento na Europa e ao se estender pelo ocidente, o folhetim pode ser considerado um furacão arrebatador de leitores e leitoras, sem distinção de classe, etnia ou gênero, caracterizando-se como uma forma democrática de leitura irmanada por um sentimento comum, a emoção diante de uma boa história de amor, aventura, mistério, peripécias e comoção que causava arrepio.

No Brasil, a profusão se deu por toda a extensão geográfica e do Norte ao Sul da nação houve a proliferação de jornais com o folhetim ao seu pé da página, comovendo o público, promovendo a circulação literária e consolidando nomes de homens e mulheres no seu ofício de romancistas.

Foram esses nomes que escreveram a história da Literatura Brasileira, numa cronologia temporal de publicação que, quase sempre, teve sua primeira apresentação na imprensa, em folhetim. Foi assim com José de Alencar, Machado de Assis, Joaquim Manoel de Macedo, Marques de Carvalho; como também com Ana Luiza de Azevedo Castro, Maria Benedita Câmara Bormann, Júlia Lopes de Almeida; criadores e criadoras de tramas intrigantes que se perpetuaram no gênero mais sedutor da literatura.

Apresentação

FOLHETINS LÁ E CÁ DO ATLÂNTICO: SUA PRODUÇÃO, DISTRIBUIÇÃO E RECEPÇÃO NO BRASIL

Luzmara Curcino

Débora Cristina Ferreira Garcia

Conhecido como tempo áureo do impresso, o século XIX europeu testemunhou uma popularização sem precedentes de textos que vinham à luz graças a um conjunto de fatores políticos, técnicos e culturais bastante peculiares. Sob o eco da força simbólica do Iluminismo, o período foi marcado por uma expansão progressiva da alfabetização da população europeia, o que viabilizou o flerte de “novos leitores”¹ com o mundo letrado. Simultaneamente, testemunhou ainda uma industrialização importante, especialmente do setor responsável pela ampliação da produção de papel, cujo excedente de oferta levou à queda nos custos de produção do impresso, permitindo a emergência e proliferação de formatos editoriais mais populares e acessíveis, como os livros de bolso e os folhetos colecionáveis.² Surgem e se expandem também gêneros inusitados, como o “romance-folhetim”, que constituem seus autores e seus públicos, que

-
1. Entre os autores que se ocuparam da caracterização desses “novos leitores”. Cf. Hébrard (2005), Lyons (1999).
 2. A respeito desses e de outros fatores que tornaram mais acessíveis a produção e circulação do impresso no período, Cf. Chartier (2009); Mollier (2008).

ampliam a demanda de textos de entretenimento junto a grupos até então negligenciados, que inventam estratégias inovadoras de fidelização desses leitores e leitoras inesperados, e com isso contribuem para a constituição de um segmento editorial atrativo e de um mercado potencial pujante.³

De modo geral, no século XIX, sob a forma de libelos, livros, revistas ou jornais, o impresso se torna o meio principal de circulação da informação e de alternativa de entretenimento, sem sofrer a concorrência com outros meios, tal como ocorreria principalmente no século XX, com o rádio, o cinema, a televisão, seguidos hoje em dia pelas tecnologias digitais de produção e recepção de textos, imagens e sons. O impresso reinou absoluto, nesse longo século.

Entre os expoentes da produção impressa desse período oitocentista, lá e cá do Atlântico, o “folhetim” representa, sem dúvida, um exemplo ímpar. Destacado como seção dos demais textos no jornal, ele progressivamente se destaca dos jornais em folhetos seriados ou em livros populares. A linha na página que o separa do restante do conteúdo do jornal é também um convite para outros leitores, para mais leitores, para muitos leitores.

A ampliação significativa da produção de jornais – cuja circulação não se restringe mais somente às capitais, e isso graças às tecnologias de impressão e ao aumento das redes ferroviárias que garantem e aceleram a sua distribuição – e o crescente interesse por essa fonte impressa de informação e entretenimento, são ao mesmo tempo causa e efeito do sucesso desse gênero editorial, o folhetim, em especial, daquele que se torna muito rapidamente quase seu sinônimo, o romance-folhetim. Neste tipo peculiar de ficção seriada publicada em seção específica dos jornais, vemos inaugurada, conforme pesquisadora especialista na história da produção e circulação dos folhetins no Brasil, Marlise Meyer (1996), a fórmula “continuar-se-á”, o nosso hoje “a seguir cenas do próximo capítulo” das telenovelas.⁴

3. Estas e outras especificidades no cenário leitor desse período, na França, se encontram, entre outros, em Chartier (2009) e Mollier (2008) e, no Brasil, em Abreu (2003; 2008).

4. Este não é o único parentesco entre esses dois gêneros, o romance-folhetim e a novela televisiva. O gosto popular, de um lado, e o desprezo e aversão de uma elite

Essa fórmula não equivale ao mero anúncio de uma interrupção da narrativa. Esse anúncio deve vir prenhe de promessas, deve criar expectativa e com ela o leitor-expectador. Esse anúncio é cuidadosamente enunciado nos multiplicados ápices do enredo. Ele visa promover o suspense, incitar a curiosidade, criar essa expectativa temperada com sentimentos os mais variados em relação a uma narrativa em produção, muitas vezes aberta e para a qual nem mesmo o autor podia ao certo saber que desfecho preciso lhe daria. Afinal, isso dependia também de sua repercussão, que definiria sua extensão ou abreviamento, ao sabor do interesse do público e das vendas de jornais.

Publicadas essas narrativas em pequenas porções, em geral no rodapé das páginas de jornais, alguns leitores tinham o zelo de recortá-las, de colecioná-las para posteriormente encaderná-las e fazer delas as páginas de seus livros caseiros. Elas também podiam ser publicadas em livros, em formatos populares e acessíveis, logo após seu desfecho no jornal, garantindo uma sobrevivência de circulação pública dessas narrativas. Podiam ainda ganhar outra vida, mais nobre, em forma de livro em folhas de melhor qualidade protegidas por belas e resistentes encadernações, alçando o gênero e seus autores ao panteão de obras reconhecidas.

O sucesso dos romances-folhetins fez com que ele rapidamente ganhasse certa estabilidade composicional, um estilo e ritmo próprios, um valor estético, tudo isso reconhecido pela comunidade de leitores que se constitui simultaneamente com esse gênero. Em busca de leitores ávidos pelas narrativas, enredados por suas tramas e curiosos acerca do que viria após seus anúncios de “continuar-se-á”, o acervo desses textos publicados no Brasil se forma de início com obras já consagradas na Europa, para então se tornar o celeiro criativo de muitos daqueles que se tornariam clássicos de nossa literatura nacional.

Lá como aqui, os jornais e seus editores foram em busca de novos talentos que pudessem alimentar a produção desse novo gênero. Ele chega ao Brasil com a promessa de garantir o mesmo sucesso obtido em

letrada que quer distância do que é do povo, de outro, também unem esses gêneros, ainda que o folhetim, no Brasil, tenha caído também no gosto de parte da burguesia, da alta classe média, já que afinal vinha da França.

terras europeias, e com isso promover o aumento significativo das vendas de jornais. Já os editores de livros também se beneficiaram do rescaldo dessa publicação. Dos leitores ávidos pelas narrativas a conta-gotas emergem os leitores que não puderam ler integralmente a obra nas publicações seriadas no jornal ou que mesmo tendo lido com zelo e rigor, sem perder nenhum número, se interessavam depois pela edição completa em livro dessas histórias que tanto lhes comoveram e divertiram.

Nessa miríade de leitores, encontram-se os fãs e colecionadores, não apenas aqueles responsáveis pela produção artesanal dos livros “caseiros”, criados do ‘recorta’ e ‘encaderna’ dos fragmentos dessas narrativas seriadas nos jornais. Encontram-se também os que travam contato com essas narrativas pela escuta, pela encenação no teatro, pela proliferação de referências literárias que demonstram a popularização dessas histórias, seu enredo e personagens⁵ no Brasil de então.

Esse espaço antes jornalístico se constitui um palco importante da cena literária nacional e internacional, de obras de autores famosos, apresentadas nesse formato seriado. Nele também são acolhidos novos autores que adequam sua escrita às exigências desse formato que herda dos gêneros que o avizinham nas páginas dos jornais certa leveza e concisão: menos descrições, capítulos mais breves, seriação duradoura da narrativa, atenção e acolhida das sugestões, dos humores e expectativas dos leitores expressas em cartas para o jornal, também uma linguagem mais contemporânea e fluida e certo eco do *fait divers* próprio dos jornais populares.

O sucesso de sua recepção pode ser explicado, ao menos no que diz respeito ao cenário francês, tal como observa Jean-Yves Mollier (2018), pela forma como tão habilmente o “romance-folhetim” soube se ancorar nas práticas, hábitos e expectativas já consolidadas de um público relati-

5. Tal como defendido por Márcia Abreu (2019, p. 108), para quem “sem, evidentemente, desprezar a relevância dos textos para os estudos literários, importa perceber suas múltiplas apropriações, as quais lhe dão um alcance social impensado por aqueles que visam apenas os textos. A consideração desses elementos [nomes de personagens dados a pessoas, animais, produtos, souvenirs representativos de cenas e personagens etc.] certamente enriqueceria nossa compreensão do passado e da relação que se estabelecia com a literatura.”

vamente familiarizado com o romance, com o teatro, com o conto, com a ópera, assim como com o ritmo e forma do jornal:

Cada capítulo de um volume, chamado de gabinete de leitura, constitui uma espécie de cena em tamanho reduzido, na qual as personagens dialogam entre si, fortalecendo a comparação com o teatro (Colin; Conrad; Leblond, 2013) e ressaltando a transmidialidade do gênero romanesco, propício a migrar de um suporte para outro (Jenkins, 2013). Melodramático, logo híbrido, e assumindo características tanto do teatro quanto do romance, próximo do conto como bem destacou René Guise (1975, t. I), povoado por arquétipos que remetem aos mitos e às lendas mais remotas (Vareille, 1994), o romance-folhetim constitui uma narrativa mista especialmente adaptada à fragmentação em episódios que sustentam o suspense e mantêm alerta a curiosidade do leitor. (Mollier 2018, p. 30)

Em consonância com a expansão de um mercado consumidor de jornais, o gênero também se torna elemento decisivo para a consolidação da produção literária brasileira e pela formação de um público e de um gosto leitor, tendo por isso deixado, nas palavras de Meyer (1996), “marcas indelévels” na cultura brasileira. O jornalista e historiador, José Ramos Tinhorão, em seus estudos dedicados à cultura popular, ao se dedicar aos folhetins que circularam ou foram produzidos no Brasil afirma que:

[...] embora a maioria dos historiadores da literatura brasileira não chegue a mencionar essa circunstância, é do romance de folhetim que se originam as principais características da técnica do romance no Brasil. (Tinhorão 1994, p. 24)

E ainda complementa:

O estudo dos inícios da vida literária, contemporânea do romantismo, mostra hoje não ter existido realmente um único romancista brasileiro do século XIX completamente alheio à influência dos folhetins. (Tinhorão 1994, p. 30)

A tradução dos folhetins europeus de grande sucesso publicados nos jornais brasileiros garantiu a jovens escritores um meio para viver de

sua pena. Essas traduções impactaram sobre suas produções literárias ficcionais nas quais ecoa uma série de estratégias narrativas e recursos técnicos próprios desse gênero na Europa, como os que descrevem vários autores deste livro, ao destacarem a inserção de cortes precisos do enredo, de modo a promover certo suspense e reter a atenção do leitor; o equilíbrio na construção composicional dos capítulos quanto a sua extensão e formato; certa estereotipia das personagens com características bastante similares, entre outros aspectos. Como muitos escritores nacionais atuavam profissionalmente como tradutores de folhetins franceses, puderam então se familiarizar com tais recursos e adaptá-los em suas produções.

Influência por vezes assumida, outras vezes negada, mas que segundo Meyer (1996) não deixa dúvida alguma sobre o papel decisivo desse gênero importado e tão bem aclimatado em terras brasileiras para o campo literário nacional do período:⁶

[...] não se deve esquecer o quanto Machado de Assis, ainda que despreze Rocambole, soube utilizar para efeitos machadianos a ciência do corte nos seus contos publicados em folhetim, com seus fins abruptos de capítulo e a machadiana deriva na retomada da sequência. Como, por exemplo, em Quincas Borba. (Meyer 1996, p. 313)

Diferentemente do que ocorreu na Europa, não se pode afirmar que o folhetim em terras tupiniquins tenha se destinado e atingido o público popular mais amplo. As altas taxas de analfabetismo e o acesso limitado aos jornais, seja pela dificuldade de produção e de sua distribuição, especialmente de sua interiorização no país, seja pelos custos de sua aquisição por uma população majoritariamente proveniente das camadas empobrecidas e espoliadas de nossa sociedade, inviabilizaram uma circulação semelhante à ocorrida na Europa, no mesmo período. Ainda assim, para os padrões editoriais do país, essa fórmula editorial contava com um público ampliado, desde os leitores até os considerados “não leitores” que, embora não alfabetizados, se inteiravam das novidades literárias pela escuta da lei-

6. Em vários capítulos deste livro se abordam diversos aspectos da influência do estilo de escrita herdado do romance-folhetim europeu sobre as produções editoriais literárias nacionais.

tura em voz alta, coletivamente, em diferentes cenas e espaços, de serões familiares a clubes de leitura.⁷

A expansão da oferta dos impressos a um público cada vez mais abrangente somada ao estilo prenhe das narrativas com personagens cativantes por mãos de autores talentosos, e fomentada pelas encomendas e intervenções de editores dos jornais, tudo isso, com o objetivo de atender e de formar o gosto e interesse de novos leitores e clientes e de expandir seu mercado consumidor, desencadeou uma corrente de críticas diversas, especialmente em relação ao romance-folhetim, no país-berço dessa invenção literária:

Augustin Sainte-Beuve não esperou pela generalização do fenômeno do romance-folhetim para publicar, em setembro de 1839, seu explosivo artigo intitulado De la littérature industrielle, e em 1845 Alexandre Dumas e Honoré de Balzac já eram sistematicamente atacados pelos caricaturistas. Alexandre Dumas era o alvo do panfleto Fabrique de romans. Maison Alexandre Dumas et Compagnie, assinado por Eugène de Mirecourt, jornalista e polígrafo, enquanto Honoré de Balzac tinha sido transformado por Louis Reybaud em personagem de um romance-folhetim, Les Idoles d'argile, publicado pelo jornal Le National, antes de aparecer em formato de livro, com um título levemente modificado, César Falempin ou les idoles d'argile par l'auteur de Jérôme. (Mollier 2018, pp. 19-20)

Apesar dessas resistências ao gênero, sob a forma de denúncias severas e ácidas de seus alegados defeitos e malefícios, ele representou a porta de entrada no campo literário de escritores franceses e brasileiros hoje consagrados, tanto na França, como no Brasil, e vários universalmente. Como gênero editorial e de mercado contribuiu para fomentar a produção literária nacional tendo se tornado fonte de renda em nada negligenciável para boa parte de autores brasileiros do século XIX, dinamizando a circulação de romances nacionais,⁸ não exclusivamente no cenário da

7. São diversos os exemplos dessa recepção ampliada, mas pouco conhecida ainda, das obras em circulação no Brasil dos séculos XVIII e XIX, conforme nos tem apresentado Abreu (2003, 2008, 2019).

8. No início, o romance-folhetim produzido por autores brasileiros correspondia a ver-

capital carioca, mas também em outros espaços da nação, como demonstrado especialmente na Parte II deste livro, consagrada à apresentação dessa regionalização e interiorização do folhetim no país.

Este livro traz diferentes estudos dedicados à história dos folhetins, sua emergência, sua importação e aclimação, com ênfase no processo de interiorização dessa produção, ou seja, em sua produção e circulação nas várias regiões do Brasil, sobretudo dos romances-folhetins, fossem eles resultantes de traduções de autores estrangeiros, fossem eles produtos da lavra literária nacional.

Nos capítulos que se seguem, reconhecidos estudiosos da história do livro e da leitura no Brasil, em especial estudiosos desse fenômeno editorial e de seus gêneros, dedicam-se à apreensão de diferentes aspectos dessa história e à descrição dos variados processos de produção, circulação e recepção do folhetim Brasil adentro, discutindo não apenas os impactos de sua produção e os modos de sua acomodação em terras brasileiras, as formas de sua apropriação por diferentes grupos de leitores, mas também a amplitude e pluralidade de sua circulação na interiorização do gênero na geografia nacional.

As reflexões presentes nos capítulos deste livro revelam essa história prenhe ainda do que contar, desde sua emergência na França e de sua translação para o mundo (em) português até sua regionalização e interiorização no Brasil. É um pouco dessa história aquilo de que nos incumbimos neste livro, que organizamos em duas partes: a primeira dedicada aos traslados, traduções e acomodações dos folhetins, essa invenção francesa, em Portugal e no Brasil; a segunda dedicada à acolhida regional do folhetim no Brasil, ou seja sua regionalização e interiorização.

Iniciamos no outro lado do Atlântico. O primeiro capítulo deste livro, de autoria do professor da Universidade de Lisboa, Ernesto Rodrigues, se intitula *Dois séculos de folhetim em Portugal*. Nele o autor não apenas discute a emergência lexical do termo “folhetim”, usado tanto em Portugal quanto no Brasil, a partir de uma cuidadosa análise e cotejamento de dicionários franceses e portugueses de diferentes períodos, como

sões que faziam apelo aos folhetins estrangeiros, pela mimese do estilo e de certas referências retóricas. A esse respeito, cf. Heineberg (2008).

também, por meio desse levantamento, apresenta uma descrição detalhada da constituição histórica e da validação desse gênero de “espécie jornalístico-literária” em língua portuguesa. Para isso, ele remonta aos primeiros folhetins publicados nos jornais das capitais portuguesas, que contemplam uma ampla gama de “tipos” de folhetins: folhetins romanescos, folhetim-crônica, folhetim-carta, folhetim-poema, folhetim teatral e folhetim eclético, sejam eles de textos oriundos de traduções de autores franceses ou de autoria dos escritores portugueses. O autor, com seu esforço em remontar à história da produção folhetinesca em português, em mapear sua variedade e sua difusão em Portugal, ressalta a singular fecundidade do gênero, cujo legado, ainda hoje, é bastante sensível na história da produção literária portuguesa, assim como na brasileira.

É também da fecundidade desse gênero, em especial em cenário brasileiro, de que se ocupa a professora Lúcia Granja, reconhecida pesquisadora da relação entre jornalismo e literatura, no capítulo intitulado *No rodapé dos jornais brasileiros, o romance-folhetim francês: de sua acomodação e acolhida no Brasil*. A autora empreende uma análise criteriosa de casos do que ela nomeia como processo de “acomodação” dos títulos de romance-folhetim franceses à produção e ao público dos jornais brasileiros. Segundo ela, esse processo pressupõe, da parte dos tradutores/adaptadores e editores, e demais agentes dessa cadeia produtiva, uma série de decisões de escrita assumidas nas versões traduzidas com vistas a sua melhor aclimação ao que imaginavam ser o jeito de ler do público brasileiro. O resultado dessas decisões, tal como observa a autora, é fonte preciosa de análise de uma série de representações sobre a leitura e sobre os leitores, que eram compartilhadas por esses agentes, bem como por aqueles que compartilhavam com eles um mesmo nível de formação, que circulavam nos mesmos espaços, que se identificavam como intelectuais e leitores erigindo pontes, mas também fronteiras, baseadas nos interesses, competências e suscetibilidades desse público leitor brasileiro. Essa imagem comum, que não necessariamente corresponde ou contempla todas as formas efetivas de leitura previstas e realizadas a partir do consumo do folhetim, em especial do folhetim literário, ainda assim atuam hoje como indícios fundamentais das formas como se lia ou como se imaginava que eram lidos os textos desse segmento da produção jornalístico-literária nacional no século XIX, como tão bem demonstra a autora.

No terceiro capítulo, intitulado *O folhetim traduzido e o seu lugar no sistema literário brasileiro*, a pesquisadora Maria Cristina Batalha, considerando a Teoria dos Polissistemas proposta por Itamar Even-Zohar (1990), conjugada à noção bourdieusiana de “campo literário”, investiga o papel que os romances-folhetins franceses, que foram traduzidos e publicados nos jornais brasileiros no século XIX, desempenharam em nosso sistema literário. Como observa a autora, quando as páginas da imprensa nacional apresentam aos leitores brasileiros esse gênero, testemunha-se um verdadeiro rearranjo cultural para a acolhida e acomodação do folhetim na cena editorial e literária brasileira. Sua entrada implica a criação de um espaço, de um público, de influências intergenéricas, tanto nos textos dos jornais onde circularam inicialmente quanto entre aqueles dos livros e gêneros do rol literário nacional. Na apropriação desse modelo estrangeiro, especialmente de matriz francesa, que forneceu régua e compasso para o gênero mundo afora, os agentes do campo literário no Brasil beberam dessa fonte, aclimataram e popularizaram o modelo rapidamente, redistribuindo papéis e ocupações e afetando o gosto e critérios de avaliação que aqui predominavam. O impacto se fez sentir rápida e decisivamente. A produção literária nacional ganhou novos ares e fôlego, abrindo suas portas para muitos autores provenientes dessa escola dos folhetins e para muitos leitores ávidos pela novidade.

Se nos 3 primeiros capítulos deste livro somos apresentados à história desse gênero e de sua recepção em português, de sua definição como gênero e em vários subgêneros, dos processos de recepção em Portugal, mas especialmente no Brasil, e do papel da tradução nessa recepção nacional do gênero e no destino de sua produção por autores locais, no capítulo 4, intitulado *Folhetins de Dumas no Brasil: a circulação em livro até os anos 1960*, da autora Rosângela Maria de Oliveira Guimarães, pesquisadora dedicada aos processos de tradução cultural e de comunicação editorial, nos deparamos com uma observação acurada e uma apresentação cuidadosa e detalhada do processo por meio do qual os folhetins escapam de seu suporte original, o jornal, e ganham a nobreza do formato “livro impresso”, contribuindo para o reconhecimento de seu autor. Para a demonstração dos diferentes aspectos editoriais e culturais implicados na mudança de formato, a autora se vale da obra de um autor emblemático desse gênero, Alexandre Dumas, um dos expoentes da produção do

folhetim francês no século XIX, e um dos mais traduzidos mundo afora, especialmente no Brasil. Ele se manteve entre os autores mais lidos e conhecidos dos leitores brasileiros até o século XX, graças a projetos de divulgação de sua obra por editoras como a Saraiva e o Clube do Livro que, a partir dos anos de 1940, se dedicaram à tradução e/ou adaptação de obras de autores nacionais e estrangeiros publicadas em formato de livros populares. A descrição e análise apresentadas neste capítulo do processo de edição das obras deste autor francês no Brasil, e que caiu no gosto popular, revelam o alcance geográfico e temporal das narrativas desse autor junto ao público leitor brasileiro, além de contribuir para o conhecimento da história da editoração de livros populares em nosso país.

No capítulo seguinte, Socorro de Fátima Pacífico Barbosa, pesquisadora reconhecida por seu trabalho dedicado à escrita epistolar nos periódicos do século XIX no Brasil e de seu papel na constituição do campo literário brasileiro, nos apresenta, sob o título, *'O marido da adúltera' de Lúcio de Mendonça: o folhetim sob a forma de romance epistolar publicado em jornal do interior de Minas Gerais*, um exemplo de análise da importância desse gênero epistolar e de seu encontro bem-sucedido com o gênero editorial folhetim. Por meio de uma descrição detalhada deste romance epistolar, a autora demonstra um dos traços desse gênero que se aclimatou bem ao modelo folhetinesco de escrita: o do exagero amplificador. As cartas ficcionalizadas sob a forma de romance conformam-se a esse novo gênero editorial, o folhetim, e a esse seu suporte, o jornal, sem grandes dificuldades ou modificações. Mais rarefeitas na produção literária, elas encontram no folhetim sua razão estética de ser. Elas contribuem com o efeito de verossimilhança e apelam ao interesse do leitor por extrapolar o universo íntimo e produzirem a impressão de revelarem o que em geral não seria revelado. Essas características próprias da correspondência foram habilmente incorporadas e adaptadas ao formato do folhetim e aos seus padrões estéticos, contribuindo para o gosto popular pelo folhetim e garantindo um lugar entre os gêneros literários da época.

Em seus estudos dedicados à disseminação regional dos folhetins no Brasil, especialmente no Estado de Mato Grosso, a pesquisadora Yasmin Jamil Nadaf, no capítulo intitulado *O folhetim nos jornais de Mato Grosso: da segunda metade do século XIX ao final da primeira metade do século XX*, faz um resgate valioso do material folhetinesco que foi produ-

zido e que circulou durante esse período em terras mato-grossenses, a fim de analisar e descrever como esse gênero se apresentou estética e ideologicamente na imprensa desse Estado. Embora os textos publicados nos jornais dessa região tenham muitos pontos de semelhança com as fontes francesas e cariocas, especialmente na reprodução do *layout* do espaço, na adoção da fórmula folhetim de miscelâneas, como também na importação e mimetização das práticas comerciais de anúncio e divulgação do gênero nos próprios jornais, a autora observa uma diferença em nada negligenciável no que diz respeito ao conteúdo. Ela constata uma quase total ausência dos romances-folhetins clássicos, o que a fez refletir acerca dos fatores que explicariam tal conduta dos proprietários e editores dos periódicos da região. Tal como afirma a autora, a ausência desses clássicos franceses não resulta do desconhecimento da existência dessa literatura, mas antes da escolha deliberada de não os publicar, em função das ideias que eram em grande medida sustentadas nesses romances, no que diz respeito à sociedade e à política.

No capítulo seguinte, intitulado *O romance-folhetim e sua recepção no Rio Grande do Sul*, o professor Antonio Hohlfeldt, apoiado no vasto levantamento realizado em sua pesquisa de doutorado acerca da publicação de folhetins em jornais de Porto Alegre de 1851 até 1900, apresenta-nos páginas preciosas da história literária relativa à publicação dos folhetins no Rio Grande do Sul, tendo se dedicado especialmente à análise de três romances de escritores que considera como autores locais, mesmo aqueles escritos por Carlos Jansen e Jean-Charles Moré, estrangeiros radicados no Rio Grande do Sul. Durante sua investigação, o pesquisador depara-se com um crescente processo de nacionalização do romance-folhetim, e mesmo de sua regionalização, o que se deve não apenas em função da origem de seus autores como também em função do conteúdo abordado, dos espaços e personalidades descritas. Hohlfeldt nos brinda neste capítulo com descrições finas e reflexões aprofundadas acerca desse processo de aclimação dos temas, motivos e cenários que progressivamente encontram e retratam o espaço nacional e especialmente regional marcados nos enredos, passando, assim, como observa o autor, da narrativa histórica, distante geograficamente do público leitor da região, para um texto profundamente próximo desse leitor, e que de tão próximo pode muito

provavelmente até ter retratado, como personagem, pessoas com as quais esse leitor se encontrava pelas ruas.

Indo de um extremo do mapa a outro, no capítulo intitulado *Os romances-folhetins franceses no jornal O Liberal do Pará (1871-1880)*, escrito em coautoria pelas professoras Edimara Ferreira Santos, Germana Maria Araújo Sales e Simone Cristina Mendonça, aborda-se a natureza da circulação dos romances-folhetins franceses publicados no referido jornal. A partir da análise cuidadosa de diversos aspectos da publicação e recepção das obras clássicas francesas do gênero, como *Blanche de Beaulieu*, de Alexandre Dumas pai, *A Fada D'Auteuil*, escrita por Ponson du Terrail e *O Médico dos Pobres*, de Xavier de Montépin, as autoras refletem sobre o impacto de sua recepção num período marcado por inúmeras transformações culturais, econômicas e urbanísticas na imprensa da capital paraense, no final do século XIX. Neste capítulo elas nos propõem uma reflexão acerca das personagens e das temáticas de algumas narrativas europeias de ficção de grande sucesso e em circulação no período na Belém da *Belle Époque*, mensurando seu papel como elementos modeladores de hábitos e costumes na então província do Pará.

No seguinte e último capítulo, *As narrativas romanescas sob a forma de folhetim no jornal Correio Paulistano entre as décadas de 1860 e 1870*, de autoria de Débora Cristina Ferreira Garcia, temos acesso a um estudo cuidadoso do folhetim deste jornal da então província de São Paulo, no qual são descritas não apenas as narrativas de ficção selecionadas para figurarem no rodapé do referido jornal como também as representações das práticas de leitura e do perfil dos leitores, depreendidas da análise dos textos que foram selecionados pelos editores, adaptados ao pé da página deste jornal, ganhando uma existência distinta daquela de sua primeira circulação, seja sob a forma de folhetim em jornais do exterior, seja sob a forma, em suas traduções anteriores, de livro já publicado em solo brasileiro ou de folhetim em outros jornais.

Nas páginas deste livro, o leitor encontrará uma parte apaixonante da história da produção literária no Brasil, da qual faz parte episódios essenciais da história da leitura e dos leitores brasileiros, com uma série de descrições cuidadosas e análises finas, realizadas por grandes pesquisadores e especialistas no tema, do papel desempenhado por esse então novo

gênero na formação e visibilidade de grandes nomes da literatura nacional, que encontraram no folhetim uma forma de subsistência e profissionalização, como também uma linguagem, um espaço e um público que muito contribuíram para a constituição da literatura romanesca no Brasil. De maneira mais específica, o leitor deste livro tem um encontro, nessas páginas que seguem, com o folhetim em seu florescimento em diversas regiões do nosso país, com sua disseminação para além do Rio de Janeiro, e sua interiorização em jornais de cidades por vezes distantes dos centros regionais. Este livro nos apresenta a proficuidade, para novos estudos, do tema da regionalização e interiorização da recepção dos folhetins no cenário brasileiro. Além de lançar luz sobre esse aspecto de nossa história cultural, este livro pretende ser também um convite para a ampliação de estudos dedicados à produção, circulação e recepção dos folhetins Brasil adentro.

Referências bibliográficas

- ABREU, Márcia. *Os caminhos dos livros*. Campinas: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: Fapesp, 2003.
- ABREU, Márcia (org.). *Trajetórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2008.
- ABREU, Márcia. "Literatura sem texto: presença social da literatura no Brasil oitocentista." *Revista Letras*, n° 100. Curitiba: UFPR, pp. 91-111, jul/dez. 2019.
- BATALHA, Maria Cristina. "O lugar do folhetim traduzido no sistema literário brasileiro." *Graphos*, vol. 8, n° 1, João Pessoa, pp. 43-50, jan/jul./2006.
- CHARTIER, Roger. *Origens culturais da Revolução Francesa*. São Paulo: Editora da UNESP, 2009.
- HÉBRARD, Jean. *Peut-on faire une histoire des pratiques populaires de lecture à l'époque moderne? Les 'nouveaux lecteurs' revisités*. Ma-

tériaux pour une histoire de la lecture et de ses institutions. Paris, tome 17, pp. 105-140, 2005.

HEINEBERG, Ilana. “Miméticos, aclimatados e transformadores: trajetórias do romance-folhetim em diários fluminenses”, in: ABREU, M. *Trajetórias do Romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas: Mercado de Letras, pp. 497-522, 2008.

LYONS, Martyn. “Os novos leitores no século XIX: mulheres, crianças, operários”, in: CAVALLO, Guglielmo e CHARTIER, Roger (orgs.) *História da Leitura no Mundo Ocidental 2*. São Paulo: Editora Ática, pp. 165-202, 1999.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MOLLIER, Jean-Yves. *A leitura e seu público no mundo contemporâneo: ensaios sobre história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

MOLLIER, Jean-Yves. “As origens do romance-folhetim: do espaço textual ao recorte de uma obra de ficção.” *Alea – Estudos Neolatinos* [online], vol. 20, nº 03, Rio de Janeiro, pp. 17-36, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1517-106X/2031736>.

NADAF, Yasmin. *Rodapé das miscelâneas: o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX)*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002.

TINHORÃO, José Ramos. *Os romances em folhetins no Brasil (1830 à atualidade)*. São Paulo: Duas Cidades. 1994.